Dia 21 — Santa Inês, Virgem e Mártir

Santa Inês, admirada por todo o mundo, como diz São Jerônimo, e tão celebrada em toda a Igreja universal, nasceu em Roma por volta do fim do século III, de pais nobres, ricos e virtuosos. Os grandes dons que desde logo descobriram em sua filha contribuíram não pouco para aumentar o desvelo com que se aplicaram a cuidar de sua educação. Criaram-na num grande amor à religião cristã, e desde seus mais tenros anos formou Inês uma ideia cabal do estado feliz da virgindade.

As instruções de seus pais só serviram para fomentar as impressões da graça. O Espírito Santo havia produzido naquele tenro coração uns sentimentos tão nobres e tão cristãos que aos dez anos de idade parecia ter chegado a uma consumada e eminente perfeição. Amou a Deus, diz Santo Ambrósio, desde que pôde conhecê-lo, e pode-se dizer que o conheceu desde que nasceu. As diversões da meninice eram unicamente os exercícios da devoção mais terna. Foi menina nos anos, mas não nas inclinações nem nos sentimentos. Sua rara formosura acrescentava novo realce à sua modéstia. Era extraordinária sua piedade, e a extrema ternura com que amou a Rainha das virgens quase desde o berço inspirou-lhe um amor e uma estima tão grandes da virgindade que mal tinha uso de razão quando se resolveu a nunca admitir outro esposo senão unicamente Jesus Cristo. Não tinha mais que treze anos quando sua formosura e seu raro mérito faziam grande ruído na corte.

Viu-a um dia, por acidente, Procópio, filho de Sinfrônio, governador de Roma, e ficou tão cegamente enamorado dela que resolveu tomá-la por esposa. Informado o pai da qualidade e das grandes prendas da donzela, aprovou muito o pensamento de seu filho, mas era preciso o consentimento de Inês. O primeiro passo que deu Procópio foi enviar-lhe um rico presente, declarando-lhe ao mesmo tempo o fim de seus honestos desejos; mas o desaire que lhe fez em não recebê-lo e o desprezo com que lho devolveu não produziram outro efeito senão o de aumentar sua paixão. Serviu-se de quantos artifícios pôde e de quantos meios imaginou para conquistá-la: rogos, promessas, ameaças, tudo empregou, mas tudo inutilmente. O último recurso de que se valeu foi buscar modo de falar-lhe ele mesmo, não duvidando de que ao cabo se renderia a suas ternuras e solicitações; mas tudo quanto pôde sugerir-lhe uma paixão cega, veemente e persuasiva só serviu para desenganá-lo da ineficácia de seus maiores esforços; porque, animada Inês de um espírito e de uma firmeza muito superiores a seus anos, disse-lhe com resolução: Aparta-te de mim, aguilhão do pecado, tentador importuno e ministro do pai das trevas. Não te canses em aspirar à mão de uma donzela que já está prometida a um Esposo imortal, único dono do universo e que só dispensa seus favores às virgens puras e castas.

Uma resolução tão majestosa e uma resposta tão desenganadora, como pouco prevenida, encheu Procópio de desesperação. Exaltada furiosamente sua paixão, deixou-se possuir de uma cruel

melancolia. O pai, que o amava em extremo, resolveu valer-se de sua autoridade para alcançar o beneplácito dos pais e o consentimento da filha. Chamou-a à sua casa e, tendo-a recebido com toda a atenção que correspondia à sua qualidade e ao seu mérito: Não ignorarás, disse-lhe, o fim para que te chamei. Meu filho deseja apaixonadamente ser ditoso, merecendo tua mão; tua nobreza e a notícia que tenho de todas as tuas belas prendas fazem-me aprovar de bom grado sua acertada escolha. Parece-me que tampouco tu poderás aspirar a melhor partido; e não me persuado de que serás tão inimiga de ti mesma que não abraces logo esta proposta.

Inês, a quem o céu havia dotado de uma prudência e de uma discrição superiores a seus poucos anos, respondeu com singular modéstia, mas com igual resolução, que bem conhecia a grande honra e a muita mercê que se lhe fazia em pensar nela; mas que já tinha escolhido esposo muito mais nobre e mais rico que Procópio; que na verdade as riquezas de tal esposo não eram deste mundo, mas por isso mesmo eram muito mais preciosas; e que a virgindade, que ela estimava mais que todas as coroas do universo, era o único dote que seu esposo lhe pedia. Ficou confuso o governador, mostrando não entender quem era aquele esposo de quem Inês lhe falava. Um cavaleiro que se achava presente disse-lhe: Senhor, esta donzela é cristã e desde a infância está criada nas extravagâncias dessa seita; pelo que não duvideis de que esse divino esposo de quem fala é o Deus dos cristãos.

Então, mudando o governador de tom e de modos: Já vejo agora, disse-lhe, o que é que te tem transtornada a razão e alucinado o espírito. Deixa, filha minha, essas ideias frívolas de virgindade; deixa esses supersticiosos fantasmas com que essa seita enche as cabeças de todos os que a seguem. Sejam nossos deuses daqui em diante o único objeto de teus cultos; sejam suas máximas a regra de teus ditames e de tuas operações. Não faças ostentação da cegueira, mete em casa o bom dia e estende os braços à fortuna que ta alarga, brindando-te com uma elevação de tanta honra para ti. Reflete bem o que desprezas e faze-te cargo de que, se o abraças, ocuparás um lugar tão distinto na cabeça do universo, possuirás grandes riquezas, serás uma das primeiras senhoras do mundo e farás ditosa toda a tua casa. De resto, acrescentou em tom imperioso e severo: Só tens vinte e quatro horas de prazo para tomar teu partido; escolhe: ser a primeira dama de Roma ou expirar infamemente nos mais cruéis tormentos.

« Senhor, replicou Santa Inês, não preciso de tanto tempo para determinar-me, porque meu partido já está tomado: desde logo vos declaro que não admitirei jamais outro esposo senão Jesus Cristo, assim como nunca reconhecerei outro Deus senão o soberano Criador do céu e da terra. E admiro-me de que tenhais coragem para propor a uma pessoa de razão que adore uns deuses de pau e de pedra. Não penseis espantar-me com a ameaça dos maiores suplícios; porque, se reconheço em mim alguma ambição, é unicamente a de acrescentar a coroa de mártir à de virgem. Menina sou e sou fraca; mas confio na graça de meu Senhor Jesus Cristo, que me dará forças para morrer por seu amor. »

Atônito ficou o governador ao ouvir uma resposta tão animosa; mas, voltando de seu primeiro assombro, quis fazer a última tentativa. Como a santa mostrava tanto amor à virgindade, pareceu-lhe que nada a intimidaria tanto como ameaçá-la de que faria violada a sua integridade; e assim lhe disse: Escolhe uma de duas: ou casar-te com Procópio, ou ser desonrada no lugar infame das más mulheres antes de expirar nos tormentos.

« Tenho colocada toda a minha confiança em meu divino esposo Jesus Cristo, respondeu a santa. Ele é poderoso para livrar-me de tuas violências; e ele é tão zeloso da pureza de suas esposas que não permitirá que lhes tirem um tesouro que dele dimana e que está sob sua custódia. Vossos deuses hediondos e malvados vos inspiram semelhantes infâmias; mas o Deus da pureza, a quem sirvo, saberá livrar-me de vossos ímpios intentos. »

Espumando Sinfrônio de ira e de furor, mandou que a carregassem logo de cadeias. Logo trouxeram os ministros uma multidão de argolas, grilhões e algemas, que com o ruído e com a vista faziam estremecer; mas Inês não mudou nem de cor, nem de semblante, nem de linguagem na presença dos verdugos e dos instrumentos. Manteve-se serena em meio àquele funesto aparato; e, oprimida com o peso das cadeias, estava livre, porque não se haviam feito aqueles ferros para um corpinho tão pequeno. Enterneciam-se todos, sem poder conter as lágrimas, até os próprios pagãos; mas Inês não podia dissimular sua alegria, curvada sob as prisões.

Levaram-na como que arrastando ao templo para que oferecesse sacrifício aos ídolos; mas isso só serviu para que confessasse mais publicamente Jesus Cristo em presença de maior concurso. Moveram-lhe à força a mão; mas ela fez o sinal da cruz, levantando, por assim dizer, esse troféu sobre os mesmos altares dos demônios.

Confuso o governador com a constância daquela donzelinha, sem dar-se por vencido tornou-se mais furioso. Crendo, e com razão, que o lugar infame das mulheres perdidas lhe causaria mais horror que a própria morte, fê-la conduzir a ele; mas um anjo a defendeu e, desprendendo-se do alto uma celestial luz, converteu aquele hediondo lugar em oratório, santificado com as orações e com os votos da santa virgem.

Somente Procópio, mais ousado que os demais, atreveu-se a entrar com resolução de profaná-lo; mas no mesmo instante caiu morto aos pés da santa. Encheu de consternação a todos um caso tão espantoso. Traspassado de dor o prefeito com a morte de seu filho, mudou as bravatas em súplicas e rogos e pediu a Inês que ressuscitasse Procópio. Mal levantou os olhos e as mãos ao céu, voltou à vida o infeliz e já ditoso jovem, porque voltou publicando em alta voz que todos os deuses dos gentios eram vãos e quiméricos e que não havia outro verdadeiro Deus senão o que adoravam os cristãos.

Como havia sido tão interessado o governador naquele evidente milagre, não pôde deixar de mostrar-se favorável a Santa Inês; mas os sacerdotes dos ídolos, que haviam concorrido à voz daquela maravilha, comoveram tanto o povo contra a santa virgem, tratando-a de feiticeira, de maga e de sacrílega, que o governador, temendo uma sedição se a libertasse e não se atrevendo a condenar à morte a que havia dado a seu filho a vida, tomou o partido de retirar-se e cometer a causa a Aspásio, seu tenente. Intimidado este com os gritos do povo, que clamava contra Inês como contra uma maga e feiticeira, deu sentença de que fosse queimada viva.

Prepara-se a fogueira, enche-se o povo de expectativa e arde em furiosa impaciência de ver reduzida a cinzas aquela ditosa vítima; mas o fogo a respeitou reverente. Divididas as chamas em duas partes, deixaram-na intacta no meio do braseiro, como se conservaram ilesos os três jovens hebreus na fornalha da Babilônia; mas, redemoinhando depois as mesmas chamas por um e outro lado, abrasaram muitos dos circunstantes que faziam ofício de verdugos.

Enfim, obstinando-se sempre os sacerdotes e o povo em atribuir aquelas maravilhas a indústria e artifício do demônio, e temendo o tenente algum alvoroço, mandou que um verdugo a degolasse no mesmo lugar onde havia de ser queimada. Impaciente então a santa com a ânsia de unir-se para sempre no céu a seu divino Esposo, suplicou-lhe que se dignasse consumar por fim seu sacrifício; e, voltando-se ao verdugo, que se ia aproximando dela com uma espécie de tremor e medo reverencial, alentou-o a que cumprisse seu ofício, dizendo-lhe com valor: « Apressa-te a destruir este corpo, que não teve a desgraça de agradar a outros olhos senão aos de meu divino esposo Jesus Cristo, o qual foi sempre o único dono de meu coração. Não temas dar-me uma morte que começa a ser para mim o princípio de uma vida eterna »; e, levantando amorosamente os olhos ao céu: « Recebei, Senhor, exclamou, esta alma que tanto vos custou e que tanto amais. » Ao acabar de dizer essas palavras, o verdugo com mão trêmula passou-lhe a espada pelo peito, e no mesmo instante expirou. Dessa maneira, diz São Jerônimo, Inês, fazendo-se superior à natural fraqueza de sua idade e de seu sexo, conseguiu duas vitórias do inimigo de Jesus Cristo; e, consagrando pelo martírio a honra da virgindade, mereceu no céu uma dupla coroa.

Não pôde estorvar todo o furor dos pagãos que o corpo da santa fosse enterrado como com uma espécie de triunfo. Os muitos milagres que desde logo começaram a operar-se em sua sepultura aumentaram a devoção dos fiéis, e desde então se tornou célebre o nome de Santa Inês em todo o orbe cristão. Não se contentando a Igreja com solenizar uma festa em honra da santa, faz duas vezes memória dela. No dia 21 celebra sua paixão e sua gloriosa morte na terra, e no 28 solemniza seu nascimento no céu. O concurso a seu sepulcro foi sempre muito numeroso, não somente dos fiéis, mas também dos próprios pagãos, que se misturavam com eles para entrar em parte nos milagrosos favores da santa. Edificou-se no mesmo lugar uma magnífica igreja com o título de Santa Inês, desde o tempo de Constantino, o Grande; e nesta igreja de Santa Inês benzem-se todos os anos dois cordeirinhos vivos, de cuja lã se forma o pálio que os papas enviam aos arcebispos.

Missa (oração)

A oração da missa é a que segue.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui infirma mundi eligis, ut fortia quæque confundas: concede propitius; ut qui beatæ Agnetis virginis et martyris tuæ solemnia colimus, ejus apud te patrocinia sentiamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Deus todo-poderoso e eterno, que escolheis o que é mais fraco no mundo para confundir o mais forte, concedei-nos, por vossa clemência, que, celebrando hoje a festa da bem-aventurada virgem e mártir Santa Inês, experimentemos quão poderosa é a sua intercessão junto a vós. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do livro do Eclesiástico.

Eclesiástico 51,1-8.12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Nota

« Os gregos chamam ao livro de onde se tira a epístola deste dia a Sabedoria de Jesus, filho de Sirac, e os latinos lhe dão o nome de Eclesiástico, isto é, como já se disse, o livro que prega. Este é um dos últimos livros do Antigo Testamento e foi composto cerca de 285 anos antes da vinda de Cristo. No capítulo que a Igreja aplica às virgens e aos mártires, Jesus, filho de Sirac, dá graças a Deus porque o livrou de grandíssimos perigos. »

Reflexões

De quantos perigos nos livrou o Senhor? Quantas graças lhe rendemos por esses benefícios? Quantas lhe rendemos hoje?

Retrocedamos com a consideração aos primeiros anos de nossa idade, àqueles dias imediatos aos primeiros em que começamos a viver. Quantos invisíveis socorros em mil perigos presentes! Que secreta providência em cem encontros! Se pudéssemos trazer à memória toda a história de nossa infância e da idade mais avançada; se fôssemos capazes de desenvolver toda a interior economia, descobriríamos sem dúvida cem pequenos milagres operados em nosso favor. E quem se lembra de dar graças ao Senhor e de mostrar-lhe seu reconhecimento? Algum dia conheceremos de que consequência foram todos esses benefícios, quando conhecermos o dano que nos fez nossa ingratidão para com eles. Será já tempo de dar graças a Deus por tantos favores?

Grande é sem dúvida a proteção do Senhor nos perigos da vida; mas será menor a que nos dispensa com tanta frequência livrando-nos dos da alma? Oh, e com quanta razão podemos exclamar com o Sábio: Livraste-me, Senhor, segundo a multidão de tua misericórdia, dos leões rugentes que, cercando-me por todas as partes, procuravam devorar-me! Se Deus é nosso defensor e nosso protetor, quem nos poderá danificar? Uma grande confiança em Deus, quando é sustentada por uma grande inocência, ou ao menos por uma penitência constante e por um desejo sincero de nada negar a Deus, é uma poderosa, é uma forte trincheira. O Sábio tinha pouco mais ou menos os mesmos inimigos que nós, a mesma violência de paixões, os mesmos falsos amigos, as mesmas injustiças da parte dos concorrentes, a mesma malignidade dos invejosos, os mesmos artifícios dos dissimulados, todos falazes, todos temíveis; as mesmas mordeduras dos caluniadores, a mesma má-fé, a mesma crueldade, as mesmas injustiças. Em meio a todos esses perigos, rodeado de todos esses inimigos, está seguro à sombra da proteção divina. Não são hoje mais frequentes as tempestades do que o eram então, nem são as adversidades mais abundantes. Os escolhos são os mesmos; o braço do Senhor não se encolheu; sua misericórdia não se dilatou; pois de onde nasce que não experimentemos a mesma proteção? Não será talvez porque nós não nos governamos pelos mesmos princípios? Sirvamos a Deus com fidelidade, coloquemos nele toda a nossa confiança, vivamos como os santos; e, como eles, bendiremos o Senhor, porque nos livrou das aflições que iam oprimir-nos, das chamas que nos cercavam e do próprio inferno que nos estava esperando com a boca aberta. Sirvamos a Deus com fervor; adoremo-lo em espírito e em verdade; amemo-lo sem reserva, sem tibieza; e então todas as nossas ações, todos os nossos sentimentos e até as nossas próprias inclinações louvarão a Deus até a morte.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da verdadeira sabedoria

Primeiro ponto

Considera que a verdadeira sabedoria consiste em fazer-se santo; qualquer outra ciência ou qualquer outra habilidade não merece o nome dessa virtude. Todos esses homens grandes cuja memória faz tanto ruído no mundo e cujo nome brilha tanto na história, se se condenaram, foram sábios de fachada. Celebre em boa hora o mundo suas ideias, suas prevenções, sua algaravia; mas desengane-se, que a sabedoria verdadeira, propriamente falando, não é outra que a ciência da

salvação.

Não fala neste sentido o Sábio quando diz que o número dos néscios é infinito e que há poucos que possuam esta verdadeira sabedoria? Toda a nossa prudência, todo o nosso engenho se reduz a apascentar-nos de quimeras, e toda a vida se passa em edificar sobre areia movediça obras que o menor movimento, o mais leve sopro reduz a nada.

Será sabedoria, será prudência trabalhar para os outros? E um quarto de hora depois da morte, de que servirão os bens que se juntaram com tanta fadiga? Será sabedoria, será prudência ter as lâmpadas acesas sem advertir que se vai acabando o azeite? E será tempo de fazer a provisão quando se está de partida para a eternidade?

Será sabedoria, será prudência abandonar o único negócio para o qual estamos neste mundo e só apressar-se, afanar-se muito quando já não se está para fazer nada? E, com tudo isso, esta é a conduta ordinária dos que no mundo passam por homens sábios, por homens de conduta. Que loucura pensar em tudo, dar providência a tudo, tomar justas medidas para tudo, exceto para a salvação! O inferno está cheio desses sábios de mascarada: *Utinam saperent, ac novissima providerent.*

Ah, Senhor! E não aumentaria eu o número deles se vós não me tivésseis conservado a vida até hoje? Mas que não mereceria se desde logo não me faço sábio verdadeiramente?

Segundo ponto

Considera que é muita necedade não pensar mais que numa fortuna imaginária, que eternamente teremos de olhar como tal; que sabemos nada ter de permanente, nada de sólido; que tampouco está em nossa mão e mal se deixa ver quando desaparece; ao mesmo tempo que nada fazemos por uma fortuna eterna, estando persuadidos de que nossa condenação será obra precisamente nossa. Coisa estranha! Aquilo que há de ser matéria eterna de nossa dor e de nosso arrependimento é o que ocupa todo o nosso coração, e esse é o objeto de todas as nossas atenções.

As virgens néscias nem por isso deixavam de ser virgens; e, se foram condenadas, não o foram pela desordem de sua vida. Tampouco foram negligentes em todas as suas obrigações; pensavam alguma vez em que o esposo havia de vir. Figura vivíssima daquelas almas insensíveis e preguiçosas, que nunca olham mais que uma parte da lei e que não ignoram de todo sua religião. Sempre com alguns desejos de romper aquele laço, de corrigir aquele natural, de domar aquela paixão, de ser mais regulares, mais devotas; sempre ocupadas em vãos projetos de conversão, mas sempre as mesmas. Logo se adormece inteiramente quem está meio sonhando. À chegada do esposo, quando bate à porta, todos despertam, o fervoroso e o tíbio; mas ditoso aquele que tem feita a tempo sua provisão. Mas será tempo de fazê-la quando já é preciso apresentar-se diante do juiz? E não é loucura esperar ser prudente, ser sábio de repente quem toda a vida deu a prova mais visível de uma insigne necedade? Os filhos do século são muito hábeis em proporcionar os meios para conseguir seus fins, ainda quando o fim que se propõem os conduza à sua perdição. E

será possível que somente em matéria de salvação eterna hão de ser estúpidos e desastrados?

Ah, e que prudente foi a terna donzelinha Santa Inês! À idade de treze anos despreza generosamente por amor de Jesus Cristo formosura, juventude, nobreza, tesouros, grande fortuna e a própria vida. Persuadida das verdades da religião, julgou que não devia tomar outro partido. Foi prudente, foi sábia. Quando me farão força estas reflexões? Quando me moverá este belo exemplo?

Senhor, embora esteja persuadido, embora esteja convencido do que devo fazer, nada posso sem vossa divina graça. Eu vo-la peço, ó doce Jesus meu, resolvido a dar princípio desde este mesmo momento ao estudo da sabedoria cristã, que consiste em trabalhar eficazmente e sem tardança no negócio de minha eterna salvação.

Jaculatórias

> *Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam.* Sb 9.

Dai-me, Senhor, aquela verdadeira sabedoria que desce de vós; aquela que vos faz perpétua companhia em vosso trono.

> *Plenitudo sapientiæ est timere Deum.* Eclo 1.

Toda a sabedoria consiste em temer e servir a Deus.

Propósitos

1. Forma um conceito cabal da verdadeira sabedoria e está plenamente convencido de que só são verdadeiramente sábios os que sabem salvar-se. Para isso daqui em diante não te hás de governar por outro princípio; e, quando tiveres de empenhar-te em alguma coisa, quando tiveres de empreender algum negócio sério, quando tiveres de parecer homem prudente no mundo, nunca deixes de perguntar a ti mesmo: E então, que parte tem nisso a minha salvação? Que interessa a religião nesta empresa, neste negócio, neste empenho?

2. O homem prudente sempre toma medidas seguras para chegar a seu fim. Guarda-te bem de forjar uma consciência falsa em negócio de tanta consequência. Foge com horror de todo livro suspeito: o veneno, quanto mais sutil, mais mortal; e o mais dissimulado é o mais digno de temer-

se. Ainda que o licor seja doce, ainda que seja muito grato ao paladar, ainda que o apeteçam e o louvem inumeráveis pessoas, se tem veneno é pernicioso. Faze um firme propósito de não ler jamais livros condenados: se não descobres seus erros, por isso mesmo serão talvez mais malignos. Tem-no condenado o papa; pois que insolência, que impiedade será não render-se a uma ordem superior tão legítima? Ainda que tenhas licença, ainda que tenhas privilégio para ler livros proibidos, nem por isso será sua doutrina mais sã nem mais santa: livrar-te-ás do pecado e do castigo; mas livrar-te-ás do perigo? Coisa estranha! À menor suspeita que se tenha de peste ou de contágio, ficam desertas as cidades mais povoadas. O oráculo da verdade declara que uma obra está envenenada, e não se quer crer que haja tal peçonha. Retira-te cuidadosamente de toda pessoa suspeita na doutrina; e sobretudo foge de todo diretor, de todo confessor relaxado, contemporizador e excessivamente indulgente. Quando se trata do negócio da salvação, não sobram precauções nem medidas, nem se pode dizer sem temeridade que se toma um caminho demasiado estreito.

São Frutuoso, Bispo de Tarragona, Mártir

A nobilíssima e antiga cidade de Tarragona, capital de toda a Espanha Citerior e sede dos presidentes romanos, foi a pátria ditosa de São Frutuoso e de seus diáconos Augúrio e Eulógio. Apesar de terem chegado até nossos tempos as atas autênticas deste santo e esclarecido bispo, não sabemos quem foram seus venturosos pais.

Não sabemos com certeza em que ano presenteou Deus sua Igreja com este dom precioso; mas, atendendo às atas de seu martírio e a que o grande padre Santo Agostinho o chama ancião trêmulo ao tempo de padecê-lo, deve ter nascido São Frutuoso por volta do fim do século II. Seu natural dócil e as felizes inclinações de que estava adornado seu coração, junto com um gênio superior e compreensivo, fizeram Frutuoso tão sábio, tão honesto e tão religioso que só os anos obstavam a que se respeitasse nele um ancião justo e venerável. Não são os anos os que lavram os méritos dos homens: em pouco tempo, diz o Espírito Santo, chega o justo a reunir em si os merecimentos que costumam produzir muitos séculos. Jovem era Frutuoso, e já tinha adquirido todo o conhecimento da falsidade e aparência do mundo que bastou para que, desprezando suas maiores esperanças, pensasse em dedicar-se a Deus no ministério do altar. Segregou-o o Espírito Santo como vaso de eleição, para que sua pregação e seu exemplo fossem muro forte onde se apoiasse a casa de Deus num tempo em que o furor do inferno estava empenhado em destruí-la.

Desfrutava, pois, a catedral de Tarragona em Frutuoso um ministro fiel e prudente e um sacerdote santo, exemplar e edificante, quando aconteceu ver-se privada de pastor. O clero e o povo pensaram logo em dar um digno prelado à Igreja e para isso indagavam e comparavam entre si os mais benemeritos, que eram em geral os mais escondidos e retirados. Não se escutavam as vozes da ambição; não tinha lugar nos peitos dos eleitores o privado interesse; os artifícios, os empenhos, a simonia, os pactos indecorosos não se empregavam em conseguir uma dignidade de

trabalho, de mortificação, de desvelo contínuo e à qual em geral se seguia uma morte horrível. A caridade, o zelo, a sabedoria eram os sinais que distinguiam os candidatos e que, mau grado seu, os tiravam de seu humilde retiro para colocá-los em cima do monte santo. Essas mesmas virtudes fizeram uma piedosa traição a Frutuoso, obrigando-o a aceitar o cargo de pastor que por seu respeito puseram o clero e o povo sobre seus ombros.

Era amado universalmente antes de ascender à dignidade episcopal; mas feito bispo derramou-se com tal ímpeto a torrente de sua caridade e beneficência que até os próprios gentios sentiam copiosamente seus efeitos e lhe professavam um amor sincero. A verdadeira caridade nem tem limites, nem conhece respeitos particulares, nem faz acepção de pessoas. Tudo abraça, tudo dissimula, a todos manifesta suas entranhas de piedade e faz-se amar de todos, assim como não exclui de seus benefícios a ninguém. Quantas virtudes requer São Paulo para constituir um bispo perfeito, outras tantas se admiravam em Frutuoso. Era fiel dispensador dos mistérios de Deus, inocente, humilde, manso, sóbrio, prudente, desinteressado, hospitaleiro, benigno, justo, santo; capaz de exortar com doutrina sã os tíbios e de conter com sua sabedoria os soberbos. O zelo santo abrasava seu coração, e as chamas acendiam igual fogo em uns e abrasavam e consumiam os excessos e desordens em outros. Gozava, enfim, Tarragona do mais completo prelado que podiam apetecer seus desejos, e o espírito de Jesus Cristo vivificava os corações de todos naqueles felizes dias.

A isso se agrega a santa companhia de Augúrio e Eulógio, diáconos que assistiam continuamente a seu prelado para ajudá-lo nos exercícios de seu ministério. O terem sido eleitos por Frutuoso entre os demais do clero num tempo de perseguição, em que os mais íntimos dos bispos eram também os preferidos para os tormentos e a morte, é uma prova convincente de sua viva fé e da santa vida que os fez merecedores da preferência. Na verdade, constando-lhes a sorte do espanhol São Lourenço, que havia sido queimado vivo dois anos antes por ser o confidente do santo papa Sisto II, não poderiam alimentar esperanças ambiciosas com sua proteção e confidência; e só a caridade e a glória de Deus, junto com um desejo vivo de padecer por seu amor e por sua fé, deviam ser os motivos de seus eclesiásticos ministérios. Umas intenções tão puras tiveram o prêmio devido aos princípios que as causavam, e os que mereceram ser companheiros de seu prelado nos trabalhos do bispado também foram dignos de acompanhá-lo no heroico vencimento e na coroa com que um ilustre martírio vemos que depois os recompensa.

Havia vindo por esse tempo a Tarragona um presidente imperial chamado Emiliano. Sua própria eleição é o testemunho mais fiel de sua crueldade e do ódio que alimentava seu peito contra o nome de Cristo. Valeriano, aquele imperador insaciável de sangue, que, não contente com ser desmesuradamente ambicioso, era finalmente cruel e carniceiro; aquele exemplar infeliz da fortuna, ou melhor dizendo, aquele ruidoso escarmento que apresentou aos olhos de todo o mundo a divina justiça, permitindo que fosse vencido pelo filho de Artaxerxes I, trazido numa jaula de ferro para servir de escabelo a seu orgulhoso vencedor e, por fim, esfolado e posto em sal em justa vingança dos horrores que havia executado com os cristãos. Esse imperador desventurado elegeu Emiliano como fautor seu, capaz de substituir na Espanha a desumanidade e a ferocidade de seu senhor. Mal chegou a Tarragona quis dar provas de que sua eleição havia sido acertada; e, meditando com infernal astúcia que o primeiro golpe devia descarregar sobre a cabeça para que os membros ficassem lânguidos e amortecidos, determinou prender São Frutuoso e seus diáconos

com ânimo de começar por eles o extermínio, e para que, ferido o pastor, fosse mais fácil fazer presa nas ovelhas desamparadas.

Mandou prender na própria casa do bispo São Frutuoso e seus dois companheiros Augúrio e Eulógio até que, no dia 16 de janeiro do ano de 259, em que eram cônsules Emiliano e Basso, dia de domingo, deu ordem a seus soldados beneficiários Aurélio, Festúcio, Élio, Polêncio, Donato e Máximo de que os trouxessem à sua presença, para dar princípio, em dia da maior veneração dos cristãos, à iníqua obra que tinha projetada. Foram os soldados à casa de São Frutuoso; e, sentindo-os vir o santo, foi tal a alegre comoção de seu espírito que saiu a recebê-los à porta quase descalço, sem mais que umas sandálias nos pés. Intimaram-lhe a ordem que traziam, dizendo: O presidente manda que venhas à sua presença juntamente com teus diáconos. Ao que respondeu o santo bispo: Vamos já, e, se o permitis, calçar-me-ei antes. Calça-te a teu gosto, responderam os soldados; e, tendo-o feito, foi conduzido à casa do presidente juntamente com seus dois inseparáveis companheiros. De pronto mandou que os levassem ao cárcere público, onde fossem bem assegurados. Como Frutuoso era o caudilho que devia esforçar seus soldados para que não desmaiassem na terrível batalha que tinham iminente, no mesmo caminho do cárcere ia alentando seus diáconos, propondo-lhes a dignidade e o preço da fé e o amor que deviam àquele que por sua redenção havia sacrificado sua vida morrendo ignominiosamente numa cruz. Filhos meus, dizia, segui-me, não vos aparteis de mim. Agora mais que nunca necessita vosso coração do valor e da constância. A serpente infernal prepara aos ministros de Deus terríveis penas; mas, para que a morte não vos amedronte nem intimide, fixai vossos olhos na palma que nos oferece a vitória. O próprio cárcere, quando se padece por motivo tão glorioso, é degrau para subir ao céu e nos reconciliará eternamente com Deus em bem-aventurança eterna.

Entre colóquios tão sublimes chegaram ao cárcere, onde ficaram os três santos com mais ânimo para padecer que crueldade tinha o tirano para atormentá-los. Ali oravam incessantemente, considerando a dignação de Deus, que os havia escolhido para adorná-los com tão preciosa coroa. Os fervorosos cristãos, noticiosos da prisão de seu bispo e de seus diáconos, vieram apressados e, consolando-os com amorosas razões, oravam com eles e pediam-lhes parte em seus merecimentos e suas ardentes orações. Em corações menos cimentados na esperança de uma ressurreição gloriosa, poderiam achar lugar o temor e a ansiedade à vista de uma morte tão próxima; mas Frutuoso olhava com os olhos da fé o termo de sua vida e não descobria nele outra coisa senão o princípio de uma felicidade eterna. Nesse conceito seus anseios eram tornar-se mais merecedor dos benignos olhares do Juiz de vivos e mortos, em cuja presença esperava apresentar-se muito em breve para ver-se coroado; e no dia seguinte ao de sua prisão batizou no próprio cárcere um catecúmeno chamado Rogaciano, para que se verificasse que o grão não só morto, mas ainda antes de morrer, produzia doces frutos para Jesus Cristo.

Seis dias estiveram na prisão, até que na sexta-feira seguinte pela manhã, estando o presidente sentado em seu tribunal, mandou que fossem trazidos à sua presença o bispo Frutuoso com seus dois companheiros Augúrio e Eulógio. Foram trazidos e apresentados e, assim que os viu o presidente, disse ao bispo: Ouviste o que têm mandado os imperadores? Ao que respondeu Frutuoso: Não sei o que têm mandado; o que sei dizer-te é que eu sou cristão. O que os imperadores mandaram, disse o presidente, é que todos adorem os deuses. Ao que disse o santo: Eu adoro um só Deus, que é o que fez o céu e a terra, o mar e quanto neles existe. Sabes que há

deuses? replicou o presidente. Não o sei, respondeu o santo. Já o saberás depois, disse Emiliano. Conhecendo o santo a perversa intenção com que o dizia e que naquele ato mesmo havia resolvido sua morte, levantou o coração a Deus e começou a dar-lhe graças e a implorar sua soberana assistência. Entretanto, voltando-se o astuto presidente para Augúrio, fez uma exclamação, dizendo: Quem hão de ser obedecidos, temidos e adorados, se não se reverenciam os deuses e não se adoram as estátuas dos imperadores! Augúrio, não dês crédito nem te deixes seduzir pelas palavras de Frutuoso. Mas o bendito diácono, que tinha arraigada em seu coração a doutrina de seu mestre e seu bispo e estava tão longe de negá-la como ansioso de dar sua vida por sua qualificação e testemunho, contestou ao juiz com valor sobrenatural, dizendo: Eu somente adoro a Deus onipotente. E tu, Eulógio, perguntou o juiz, adoras também a teu bispo Frutuoso? Rara astúcia para apanhar no laço o inocente, supor que o seguir a doutrina verdadeira daquele que animosamente a confessava era um crime de idolatria! Mas o santo diácono Eulógio fez uma distinção precisa de ambas as coisas, dizendo: Eu não adoro de maneira alguma a meu bispo; mas ao mesmo tempo confesso que adoro o mesmo Deus que ele adora. Conheceu o iníquo juiz que eram ociosas as diligências que empregava para perverter algum deles e, resolvido a condená-los em vista de sua firmeza, perguntou a São Frutuoso: És bispo? Sou, respondeu o santo. E, como sabia que ia dar contra os três sentença de morte e que se havia de executar de pronto, disse Emiliano, sorrindo e zombando da resposta: Foste. Com efeito, mandou que os três santos fossem queimados vivos.

Os soldados tiraram apressados as três vítimas para levá-las ao anfiteatro, onde estava preparada a fogueira. Mal saíram do pretório e se apresentaram em público, uma comoção universal apoderou-se dos corações de todos. A amabilidade e as doces prendas do santo bispo excitaram a dor e a compaixão, não só nos cristãos, mas nos próprios idólatras, que conheciam em meio a sua superstição que não merecia tão cruel morte sua retidão e sua beneficência. Os cristãos mais ilustrados e de mais viva esperança misturavam com suas lágrimas uma santa alegria pela glória inefável de que já o julgavam possuidor, segundo a proximidade da vitória. Houve entre eles muitos que, instigados pelo amor, prepararam vinho para confortá-los e tornar menos sensíveis as agonias derradeiras; mas, ao oferecerem-lhes os vasos, deu São Frutuoso aquela famosa resposta que manifestou a severidade com que observou toda a sua vida a disciplina da Igreja e que deu matéria depois, com o mais, ao grande Agostinho para formar sólidas e vivas instruções a seu povo num sermão que é o 273 dos santos: Jejuamos, disse o santo bispo, e ainda não é hora de comer nem de beber. Em meio à escassez e aos horrores de um cárcere, haviam guardado solenemente, como dizem suas atas, a estação da quarta-feira anterior, e o dia de seu martírio observavam-no do mesmo modo e com tanto rigor que, porque era a hora quarta, não quiseram admitir aquele leve refrigério estando tão próximos de acabar a vida. O justo observa escrupulosamente as leis, sem que lhe possa servir de pretexto para dispensar-se delas nem a condescendência e o juízo dos demais, nem mesmo a própria morte.

Ia São Frutuoso cheio de gozo e de segurança ao suplício, desejoso de acabar a estação com os mártires e profetas no paraíso que Deus tem prometido aos que de verdade o amam; e a pressa com que caminhava ao fogo dava claro indício do superior e mais vivo que interiormente o abrasava. Chegaram ao anfiteatro e, pedindo-lhe com lágrimas nos olhos um leitor seu, por nome Augustal, que lhe permitisse descalçá-lo, respondeu o santo bispo: Deixa, filho, que eu me descalçarei animoso, contente e certo das divinas promessas. Descalçou-se o santo; e então se

aproximou dele outro cristão, chamado Félix, e, tomando-lhe a mão direita, pediu-lhe encarecidamente que se lembrasse dele naquele sacrifício que ia fazer a Deus de si mesmo e quando estivesse gozando do prêmio eterno devido à sua vitória. O santo, com voz clara que ouviram todos os circunstantes, respondeu-lhe: O que convém é que eu tenha presente em minha memória toda a Igreja católica, estendida do Oriente ao Ocidente. Resposta divina que ensinou a economia e a justa direção que se deve fazer das orações e de que se valeu Santo Agostinho no sermão dito para intimar a unidade da Igreja, dizendo em boca do santo mártir: Se queres que eu ore e peça por ti, não te separes daquele místico corpo, daquela Igreja católica por quem oro.

Já estava o santo à porta do anfiteatro; seus olhos haviam percebido a pira sobre a qual seu corpo havia de ser queimado em grato holocausto ao Deus das alturas. O Espírito Santo moveu então seu coração e seus lábios para dizer aos fiéis uma profética sentença, que continha o maior consolo que naquelas tristes circunstâncias lhes podia dar. A perseguição estava declarada, a ferocidade e a crueldade unidas eram o espírito do iníquo juiz que a promovia. Viam os fiéis com seus olhos os tormentos que estavam destinados à confissão constante de Jesus Cristo; e, morto o pastor, contemplavam-se desamparados e faltos da celestial doutrina de suas palavras e de seu exemplo, capazes de sustentar os corações mais covardes e mais tíbios. A dor, a tristeza, a consternação e o desamparo viam-se pintados nos semblantes melancólicos e chorosos dos fiéis. São Frutuoso via tudo e sentia tudo e, querendo assegurá-los e consolá-los ao mesmo tempo, fortalecendo sua voz e regendo sua língua o Espírito divino, prorrompeu clara e distintamente nestas palavras cheias de consolação: Filhos meus muito amados: estai certos de que já daqui em diante não vos há de faltar pastor, nem tampouco poderá faltar-vos a caridade do Senhor e sua promessa, tanto agora como no futuro. Esses tormentos que vedes são coisa leve e transitória, que no máximo poderão durar uma hora. Dito isso com palavras de muito amor, instrução e ternura, consolou suas dolentes ovelhas e caminharam ao fogo. Postos sobre a pira, atou-se-lhes as mãos e os asseguraram a três paus grossos que estavam no meio; e, deixando-os assim, desceram os cruéis ministros e atearam fogo à lenha, que em muito pouco tempo se acendeu toda, convertendo-se em altas e vorazes chamas.

Um espetáculo tão horroroso tinha todos os espectadores numa profunda suspensão de ânimo, indicando com o silêncio aquele medo e consternação que impõe aos mais inocentes corações a presença do suplício e a execução irresistível da sentença que dá a justiça ou injustiça sustentada pelo poder. Os alaridos, os lamentos, as queixas e demais sinais com que se faz conhecer a dor dos pacientes em tão funestas circunstâncias converteram-se numa serenidade e gozo que afrontavam os próprios ministros da crueldade. Todos viam arder a fogueira e abrasar-se as vítimas sem notar a menor contorção nem outro movimento indicante de pena; prova de que o Espírito Santo andava entre as chamas confortando seus soldados, como o fez nos três venturosos jovens na fornalha da Babilônia. Mas a admiração foi suma quando, tendo-se já queimado as cordas com que os santos tinham as mãos atadas, viram todos que, soltando-se dos paus que os tinham sujeitos, não caíram amortecidos na fogueira nem deram sinal algum de que lhes fossem sensíveis os tormentos. Todos os três, unanimemente e movidos de um mesmo espírito, põem-se de joelhos e, estendendo os braços em forma de cruz, perseveraram entre as chamas orando com alegria, seguros da vida gloriosa que tinham tão iminente. O fogo da caridade que abrasava seus corações era muito superior ao que queimava seus corpos e os refrigerava com mais poder do que tinha o fogo material para queimar. Quantos fiéis estavam presentes conceberam, à vista de uma ação tão

portentosa, os desejos mais vivos de ser participantes daquele divino espírito que dava fortaleza para desprezar com tanta valentia os tormentos e a morte mais horrorosa. À medida que nos cristãos se advertia o consolo, a satisfação e a animosidade, viam-se pintados nos semblantes dos ferozes ministros o desespero e a raiva, vendo-se confundidos com os mesmos meios que haviam escolhido para infundir terror.

Por fim, quis Deus permitir à voracidade do fogo que consumasse a vitória, para adornar as heroicas frontes de seus servos com as coroas de glória imarcescível que lhes tinha preparadas; e na mesma postura de cruz alcançaram um triunfo semelhante ao que o Rei dos mártires conseguiu numa cruz em meio à terra. Suas almas purificadas como o ouro no crisol saíram de entre as chamas puras e resplandecentes para subir a ser imortal adorno da celestial Jerusalém; e o benignísimo Deus que, em meio aos triunfos alegres que conseguem seus justos, tem presentes os mais obstinados pecadores para oferecer-lhes os tesouros de sua misericórdia, quis que no momento em que subiam as almas dos três vencedores para receber o prêmio de seu martírio fossem vistas por Babilas e Migdônio, cristãos e criados da filha do pretor. Surpreendidos da visão portentosa, avisaram sua ama para que fosse testemunha da divina maravilha e da glória que haviam conseguido Frutuoso, Augúrio e Eulógio em prêmio de seus tormentos. Chamaram também o presidente com o mesmo fim; mas, como a virgindade é tão amada do céu como odiada a obstinação e a desconfiança, alcançou a filha, por ser virgem, como diz Prudêncio, o distinto favor de ver gloriosos os mártires, do que se fez indigno seu pai pela cegueira em seus erros.

Insultava este seus criados e sua filha, zombando de seus ditos e negando que suas visões pudessem ser efeito de outra coisa senão da debilidade de suas cabeças; mas, para castigar sua presunção e glorificar seus santos, fez Deus que se lhe aparecessem vestidos de umas estolas formosíssimas e resplandecentes que indicavam em sua claridade e beleza a firmeza e certeza das promessas divinas. Repreenderam-no além disso com a maior aspereza por sua crueldade, fazendo-lhe ver quão falsamente estava persuadido de que o havê-los mandado queimar fosse um mal verdadeiro, visto que via com seus olhos a grande glória de que gozavam aqueles mesmos de quem havia abrasado os corpos; mas Emiliano ficou tão duro e obcecado depois da terrível reprensão como estava antes; fruto ordinário que produz a multidão de delitos e castigo o mais severo com que a divina Justiça costuma vingar seus ultrajes.

A falta de seu pastor produziu nos fiéis uma suma tristeza, não porque tivessem lástima de Frutuoso, a quem firmemente criam glorioso e triunfante nos céus, mas porque se lembravam de suas virtudes, de sua doutrina e do amor paternal com que os havia apascentado. Seus peitos anelantes desejavam ter alguma relíquia dos sagrados despojos para sustentar com ela os acesos afetos de seu coração. As trevas da noite deram facilidade para acalmar seus desejos. Cheios de fé, de amor e de solicitude piedosa, concorreram ao anfiteatro providos de vinho generoso para apagar o fogo e refrescar os ossos dos mártires que pudessem achar meio queimados. Cada qual se apressa a recolher o precioso tesouro: uns voltam contentes a suas casas carregados com alguma relíquia marcada pelos sinais do triunfo; e os menos afortunados recolhem as cinzas, certos de que nelas se continha parte do que apetecia seu coração e venerava sua fé. A piedade cristã sempre dispensou as venerações devidas às relíquias dos santos, fazendo entre o Senhor e os servos a justa distinção que corresponde a suas pessoas e dando ao culto a distribuição ordenada que ensina a Igreja e o Evangelho. Se a ignorância ou a superstição confunde cegamente

as respectivas adorações, não será porque os primeiros cristãos deixassem de dar abundantes exemplos de que só Deus deve ser adorado por si mesmo, por sua dignidade e sua grandeza; e, por seu amor e respeito, aqueles heróis que foram dignos de suas eternas recompensas. As ações de maior edificação devem estar sujeitas à vontade divina; e nem sempre é conforme às ocultas disposições da Providência tudo o que sugere a piedade. Queria Deus que os que haviam vivido juntos e haviam padecido juntos por seu nome não se separassem nem depois de mortos; e assim naquela mesma noite apareceu São Frutuoso aos cristãos que haviam recolhido as relíquias e com semblante benigno os admoestou a que as juntassem todas e as colocassem num só lugar. Viram-se seus corações combatidos de afetos contrários e quereriam conservar-se na posse de seu tesouro e quereriam obedecer a seu pastor. Por fim prevaleceu isto último; e, juntando-se os fiéis pela manhã na igreja maior, cada um restituiu o que havia recolhido e, posto numa arca de mármore, colocaram-no debaixo do altar-mor, cantando mil louvores pelo maravilhoso que em seus santos se havia mostrado.

Aqui permaneceram as sagradas relíquias por muitos séculos, com grande veneração dos fiéis, que recebiam contínuos favores da dignação divina por intercessão dos santos. As igrejas da Espanha os celebraram por tais desde logo, lendo suas atas, que são da maior veneração e autenticidade, nos divinos ofícios. E na igreja da África vemos que, no tempo do padre Santo Agostinho, era o dia de São Frutuoso dia solene, no qual o mesmo santo doutor pregou um sermão em seu elogio depois de se terem lido as atas de seu martírio. Permaneceu Tarragona com a glória de possuir as relíquias de seu santo bispo todo o tempo do reinado dos godos, até que na desolação universal dos sarracenos ficou saqueada, queimada e totalmente destruída. Deus então, zeloso da honra de seus servos, cuidou de que, por ministério de um São Justino e outros varões piedosos a quem guiou um anjo, fossem trasladadas as preciosas relíquias à ribeira de Gênova e colocadas numa montanha a quinze milhas da cidade, entre esta e Portofino. Depois edificaram ali os fiéis um mosteiro, que deram à ordem de São Bento para que cuidassem de sua veneração e custódia, mostrando-se continuamente em repetidos prodígios a proteção que São Frutuoso lhes dispensava. Viu-se esta com maior solenidade no ano de 986, em que a imperatriz Adelaide, mulher do imperador Oto III, fez ao mosteiro uma doação vultosa em reconhecimento de que o Todo-Poderoso havia livrado de um naufrágio seu filho Carlos por intercessão de São Frutuoso, a quem em meio ao perigo se havia encomendado. Assim manifesta o santo sua proteção e patrocínio com os que devidamente o invocam em suas necessidades, e assim manifesta Deus o agrado que tem em que sejam honrados e venerados os que por seu amor e por sua fé desprezam a morte e abraçam com heroísmo os tormentos.

Martirológio Romano

Em Roma, o martírio de Santa Inês, virgem, a qual foi lançada a uma grande fogueira no tempo de Sinfrônio, prefeito da cidade; mas, como as chamas se apagassem com suas súplicas, foi logo decapitada. São Jerônimo faz seu elogio nestes termos: A vida de Inês foi celebrada, sobretudo nas igrejas, pelos escritos e pelas línguas de todas as nações, porque, superando a fraqueza de sua idade, triunfou do tirano e consagrou sua castidade por um glorioso martírio.

Em Atenas, São Públio, bispo, que governou muito dignamente esta igreja depois de São Dionísio, o areopagita. Tão célebre pelo resplendor de suas virtudes como ilustre por sua doutrina, recebeu a coroa de glória pelo testemunho que havia dado a Jesus Cristo.

Em Tarragona, na Espanha, os santos mártires Frutuoso, bispo, Augúrio e Eulógio, diáconos, os quais, durante a perseguição de Galieno, foram primeiramente encarcerados e depois lançados às chamas, em meio às quais, depois de queimadas as ligaduras, levantando os braços em forma de cruz, orando a Deus cumpriram seu martírio. Santo Agostinho fez um sermão ao povo no dia de sua festa. Em Troyes, São Pátroclo, que mereceu a coroa do martírio sob o imperador Aureliano.

No mosteiro de Reichenau, São Meinrado, eremita, morto por uns ladrões.

Em Pavia, Santo Epifânio, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Fructuosum, et ejus Diaconos Augurium, et Eulogium per ignem probatos martyrio decorasti: concede nobis famulis tuis; ut ipsorum intercessione, flamma divini amoris succensi, cum illis pariter coronemur in cælis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que honrastes com a coroa do martírio o bem-aventurado Frutuoso e seus diáconos Augúrio e Eulógio, provando-os pelo fogo, concedei-nos, a nós vossos servos, que, abrasados na chama do divino amor por sua intercessão, sejamos também com eles coroados nos céus. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 da Sabedoria.

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4]

> etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est. [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Reflexões

Os justos foram e serão sempre perseguidos no mundo. Foi-o Jesus Cristo, que é a própria justiça; e não deixou a seus discípulos outra herança senão cruzes, tormentos e perseguições. Se a mim me perseguiram, sabei que também a vós hão de perseguir. Ainda que este oráculo não fosse verdade eterna, acredita-o sobejamente a experiência de todos os séculos. O mesmo é renunciar alguém ao mundo e dedicar-se ao serviço de Deus que levantarem-se contra ele de todas as partes mil perseguições e moléstias. Se o Evangelho não o dissesse, não se poderia crer que chegasse a tanto o ódio e o rancor dos mundanos contra a virtude, que os pais se levantassem contra os filhos, os irmãos contra os irmãos e até a mulher contra o próprio marido. Ainda se isso sucedesse por uma vontade maliciosa e declarada, por uma vingança conhecida, por um ódio envenenado e mortal, que não pudesse desculpar-se nem na consciência mais estragada, não seria isso coisa de que não fosse capaz a corrupção do homem; mas seguir um justo, caluniá-lo e tirar-lhe até a própria vida e pensar que nisso se faz a Deus um grande obséquio não parece que possa suceder em racionais. Com tudo, é uma verdade divina, é uma verdade de fato e foi a sorte de muitos mártires.

Mas de onde nasce essa perseguição contínua contra o justo? Um justo é porventura um assassino, um ladrão, um declarado inimigo da tranquilidade pública? É, acaso, mau cidadão, mau vassalo, mau pai de família, mau juiz, mau ministro ou mau soldado? Certamente não; ninguém melhor que o justo pode desempenhar exatamente tão sagradas obrigações. O homem mais perverso busca, quando necessita, um advogado justo, um amigo justo, um juiz justo, e quer que sejam justos todos aqueles com quem tem alguma relação ou dependência. Ninguém busca para si um criado que o roube, um amo que o usurpe, um amigo que o engane, uma mulher que o perca. Que mais? Até nos próprios móveis de que nos servimos buscamos sempre a bondade. Um cavalo, um

vestido, uma casa, uma carruagem, tudo há de ser bom, e se não, não o queremos. Mas essa mesma bondade que tanto se apetece e se busca no homem é perseguida de morte quando chega a descobrir-se. E não é este um mistério incompreensível? Por que Caim tirou a vida a Abel? Porque as obras deste eram justas. Forte contradição: não podia temer Caim que Abel quisesse tirar-lhe a vida, e essa segurança o ofende e o desagrada. Quantos imitadores tem Caim em meio ao cristianismo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. 11 E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. 12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: 13 e isto vos será occasião de dardes testemunho. 14 Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: 15 porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. 16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: 17 e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: 18 entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Da divina graça

Primeiro ponto

Considera que, seja qual for a tua condição, a diversidade de obstáculos que achares em ti mesmo e a dificuldade de vencê-los, nunca poderás queixar-te com razão de que te falte a graça necessária para superá-los. Por vivas e dominantes que sejam as tuas paixões, por grande que seja a tua fraqueza, sempre tens uma graça bastante poderosa para vencer toda sorte de inimigos que se oponham à tua salvação. A graça não é particular a nenhum estado com preferência a outro: é um socorro sobrenatural e divino com que Deus nos faz querer o bem e executá-lo; é uma inspiração santa que ilustra o espírito, move o coração e nos faz amar nosso sumo bem; ora é um remorso que inquieta e perturba a consciência, ora um pesar que aflige a alma, ora um temor que a amedronta, ora uma doce esperança que a anima e a consola. E em que estado, em que condição ou fortuna podes achar-te em que não sintas muitas vezes vários afetos dessa graça? O homem mais estragado em seus costumes não pode deixar de pensar alguma vez nos horrores que traz consigo uma vida licenciosa. Quem é o que alguma vez não treme ao lembrar-se de seu futuro destino? Em qualquer situação que possas imaginar, levas sempre dentro de ti mesmo um rígido e severo censor de todas as tuas ações e pensamentos mundanos e um apologista perpétuo da virtude que abandonaste. Não podes, ainda que queiras, fazer-te surdo a uma voz interior que continuamente repreende teus excessos ou aplaude tuas boas obras. E não são todos estes uns efeitos da graça, que te dirigem e te excitam a obrar tua eterna salvação, se queres corresponder a estas santas inspirações? Se não te salvas, pois, em teu estado, não te queixes de que Deus te escasseia suas graças; queixa-te, sim, de tua pouca fidelidade a suas mercês: a graça do Senhor formou e forma cada dia santos em todas as condições e estados.

É muito certo que em cada condição se acham estorvos particulares para a virtude; mas também o é que cada condição tem suas particulares graças. Seria injusto Deus se, colocando-te neste estado a que te destinou sua providência, não te tivesse dado ao mesmo tempo as graças necessárias para desempenhá-lo e santificar-te nele. Por isso chamava São Paulo à graça do Senhor multiforme; isto é, que tem diferentes formas e diversos auxílios com que socorrer-te em todas as ocasiões. Nos inesgotáveis tesouros da misericórdia divina há graças de sacerdócio, de magistratura, de pessoa pública e de homem privado. Só te pede que entres nos desígnios de Deus e te revistas do espírito de zelo que exige um, do espírito de equidade que é necessário em outro, da submissão e paciência que convêm a um estado inferior e da condescendência e doçura que devem temperar quem domina. Esta é a graça particular que deves esperar e pedir para o teu estado.

Se sabes corresponder a esta graça, crescerá cada dia tua piedade mesmo em meio àquelas ocupações que ao parecer deviam dissipá-la. São penosas tuas obrigações? Pois já tens nelas um modo fácil de fazer penitência e satisfazer por tuas culpas; são honoríficas? Glorifica aquele a

quem se deve toda honra; são perigosas para a tua salvação? Pois humilha-te e pede a Deus com mais instância que te socorra; tens autoridade sobre outros? Pois reprime o vício, protege a inocência e faze respeitar a religião. E não são meios todos estes para santificar-te, se sabes usar bem deles? As mesmas violências que tens de fazer contra teu humor, contra tua inclinação, à custa de teu descanso e comodidade para cumprir tuas obrigações, são outras tantas ocasiões de aumentar tua virtude em meio ao mundo onde te pôs a Providência.

É verdade que o retiro formou muitos santos; mas, se no século queres viver como um santo, correspondendo às graças que tens preparadas, poderás sim invejar a quietude e o sossego do solitário, mas este poderá também invejar justamente teu maior ânimo e teu maior mérito e firmeza em meio aos maiores perigos.

Segundo ponto

Considera que não há obstáculo tão grande para a divina graça que ela não possa vencê-lo e até convertê-lo num meio eficaz para a tua salvação eterna. Podes certamente queixar-te de tua natural inconstância, de tua conhecida fragilidade, da violência de tuas paixões e de quantos perigos por todas as partes te combatem; podes alegar uma inclinação forte para o mal e uma oposição contínua a tudo o que é bom, que são os dois polos sobre que giram todas as tuas operações. Não se pode negar que esta é uma situação muito capaz de amedrontar-te e acovardar-te inteiramente, para que não entres como deves pelo caminho da virtude; mas, não obstante, esta é a tua situação, a minha e a de todos os homens: e se não tivéssemos outro recurso que nossas próprias forças, deveríamos desesperar absolutamente da salvação, e de nada nos teria aproveitado o mérito infinito de um Homem-Deus. Mas, se apesar de todos os teus delitos, de toda a tua corrupção e fragilidade, podes prometer-te uma graça muito superior a todos os teus crimes, a tuas paixões e a toda essa fraqueza, por deplorável que te pareça o estado de tua salvação, não será verdade que tens sempre um socorro abundantíssimo para negociá-la e que, se não a consegues, a ninguém poderás culpar senão a ti mesmo? Não é outro este socorro senão a graça de Jesus Cristo. E quem te impede de obtê-la e conservá-la todo o tempo que quiseres? É Deus, porventura, tão avaro de seus bens que haja de despojar-te deles depois de ter-tos franqueado com uma liberalidade imensa, se tu não os desprezas livremente? Deus, como diz Santo Agostinho, a ninguém desampara sem que antes seja abandonado.

Dirás, talvez, que não tens ânimo para resolver-te por causa de tua muita fraqueza e das misérias e fragilidades que cada dia experimentas; mas não sabes que o pensar assim é fazer tua salvação dependente só de tuas forças? Não sabes que injurias atrozmente a graça quando dizes que te faltam as forças para cumprir o que te inspira? Jesus Cristo te declara que nada é impossível a Deus de quanto parece impossível aos homens. São Paulo te diz: tudo podes com a graça. A quem havemos de crer? És débil, é verdade; mas, se experimentaste tua fraqueza no vício, experimentaste-a para a virtude? Provaste tuas forças para livrar-te do jugo do demônio? Queres supor-te muito débil para não te empenhares em lutar contra tuas inclinações. Pois quê? Por débil que sejas, não deverás fazer algum esforço para conseguir tua salvação? Pensas em satisfazer uma paixão, e a mesma dificuldade é o mais poderoso aliciante para isso; e, quando se te fala de tua salvação eterna, o menor obstáculo se te torna insuperável. Só exageras tua debilidade para

desculpar tua fraqueza. Quererias viver numa torpe indolência e que de repente e sem trabalho algum teu se consumasse a obra de tua salvação: quererias que, estando adormecido como São Pedro, se rompessem as cadeias com que estás sujeito ao pecado e que uma mão invisível te fizesse passar da escravidão em que gemes à liberdade dos filhos de Deus.

Dize, sim, que és fraco, débil e miserável; mas dize-o com espírito de compunção, de humildade e de oração. Assim o disseram e deveram dizê-lo todos os santos; mas nem por isso creram que deviam deixar de trabalhar incessantemente na obra de sua salvação. Não contaria hoje a Igreja entre seus filhos os mártires, se estes não tivessem contado com suas forças para sê-lo. Que coisa mais horrível que a morte acompanhada de fogueiras, ganchos, rodas, forcas e facas? Terias tu valor, não só para apresentar-te intrépido a morrer em meio aos mais cruéis suplícios, mas para zombar deles, para alegrar-te padecendo-os e entoar hinos de louvor à vista dos horrores da morte? E eram porventura de outra natureza que tu mil débeis anciãos, mil ternas e delicadas donzelas que deram geralmente a vida em defesa das mesmas verdades que te prezas de crer? A graça de Jesus Cristo é a que operou tantas maravilhas: esta não te faltaria se procurasses pedi-la e cultivá-la com iguais disposições.

Meu bom Deus, de quantas graças vossas me privei por minha pouca resolução e muita covardia em servir-vos! Que progressos não poderia eu ter feito no caminho de minha salvação se tivesse confiado mais em vosso auxílio e desconfiado menos de minhas forças! Dulcíssimo dono de minha alma, pois a remistes para que fosse vossa eternamente, dai-me uma graça poderosa, eficaz, onipotente, que triunfe de toda a minha tibieza e me encha da força de vosso espírito.

Jaculatórias

> *Inclina cor meum, Deus, in testimonia tua.* Sl 118.

Inclinai, Senhor, por vossa graça, meu coração à observância de vossos mandamentos.

> *Spiritus adjuvat infirmitatem nostram.* Rm 8.

O espírito do Senhor é o que fortalece a nossa debilidade.

Propósitos

1. Não há homem que não sinta e experimente cada dia mil efeitos de sua natural miséria e que não reconheça em si mesmo um fundo de debilidade que o faz dependente dos demais. Apesar do

natural orgulho que quereria elevá-lo sobre todos, tem de sujeitar-se e pedir auxílio até aos que por sua condição ou estado lhe são muito inferiores. Os próprios monarcas são também escravos neste ponto. Só um cristão é, por assim dizer, todo-poderoso, porque tudo pode naquele que o conforta.

Que grandeza, que excelência a de um verdadeiro cristão! Reflete cada dia esta sublime verdade e responde com ela a quantos obstáculos e dificuldades queiram opor-te o mundo, o demônio e a carne. Sou débil, tenho que lutar comigo mesmo, fazer-me contínua violência, aborrecer o que mais amo e crucificar-me com Jesus Cristo: pois tudo posso com sua graça. Tenho de andar uma longa e penosa carreira, muitas paixões a vencer, muitos pecados a expiar, muitos laços a romper, muitas virtudes a praticar e prescrever-me mil precauções e cuidados: pois tudo posso com a graça; a graça me ajudará, me ensinará e me dará forças para tudo. Por grandes que sejam meus pecados, ainda que a consciência me apresente o abismo aberto debaixo de meus pés, ainda quando me visse escravo de todas as paixões e assaltado de todas as tentações, eu obrarei com valor, combaterei com denodo e perseverarei até o fim.

2. Reflete também atentamente que, embora a graça te obrigue a fazer contínuos esforços contra ti mesmo, traz consigo uma fonte de consolos contínuos, muita fortaleza e unção do alto, com que tudo te alisa e te torna fácil e doce; que, embora te proíba os prazeres profanos, te oferece outros sem comparação mais suaves e que te tornarão insípidos os do mundo; que, embora algumas vezes te obrigue a derramar copiosas lágrimas, estas sabe enxugá-las a mão consoladora de teu Deus. A graça combaterá todas as tuas paixões, mas te dará uma quietude e um contentamento que não te saberão oferecer todas as paixões.

Se alguma vez transtorna teus projetos e te priva de tuas prosperidades temporais, dar-te-á também uma paz de coração que excede infinitamente todas as felicidades do século. Resolve-te, pois, a segui-la, a abraçá-la e a não perdê-la jamais. Saboreia e vê: experimenta ao menos quão bom e quão suave é o Senhor; e se te for mal em seu serviço, se não achares serem certas todas estas vantagens, então poderás ver se toda a felicidade do mundo e todos os prazeres imagináveis enchem o vazio de teu coração.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:02 by Admin